

Lacan, professor de desejo¹

Jacques-Alain Miller

Um duende travesso que nos prega peças: este é o desejo, segundo Jacques Lacan. *Le Point* apresenta com exclusividade trechos de um Seminário inédito sobre o assunto. Estabelecido por seu redator, o psicanalista Jacques-Alain Miller. Entrevista realizada por Christophe Labbe e Olivia Recasens.

Le Point: Lacan nos disse que o desejo não é uma função biológica. O que devemos deduzir disso?

Jacques-Alain Miller: Que você não encontra o desejo já pré-formado no organismo. Ele não é um instinto, se com isso entendemos um saber infalível inscrito no real do corpo e que o conduziria direto ao objetivo: seu bem-estar, sua vida, a sobrevivência da espécie. Muito pelo contrário, o desejo se extravia. Este é um traço que constantemente reconhecemos nele. Desde sempre se deplorou e se censurou suas aberrações, suas extravagâncias, suas errâncias. Tentou-se de tudo para educá-lo, regulá-lo, dominá-lo, mas em vão: ele só faz o que lhe dá na cabeça. Disso resulta a ideia de que o desejo não decorre da natureza: ele se deve à linguagem. É um fato de cultura, ou, mais exatamente, um efeito do simbólico. Lacan fala da "ordem simbólica".

Como falar de ordem quando o desejo faz, de preferência, desordem?

De fato. E vimos, muito recentemente, a noção de ordem simbólica angariar adeptos entre os opositores ao casamento gay. Todavia, a distribuição de cartas está errada. A ordem simbólica designa um conjunto de leis - leis linguísticas, dialéticas, matemáticas, sociológicas -, mas o complexo de

Édipo não faz parte dele. Lacan sempre qualificou o Édipo de mito. E, em suma, isso foi bastante generoso, pois as versões triviais dadas dele estão mais próximas do espetáculo de variedades do que da tragédia grega, do tipo: é preciso que papai imponha a lei à mãe para que a filha e o filho sejam o que devem ser. Lacan previa que esse programa não ficaria muito mais tempo em cartaz e é bem a isso que assistimos.

No entanto, Lacan fala de "estrutura edipiana"...

Sim, isso não é um mito nem o *casting* de um espetáculo de marionetes. É uma combinatória distribuindo termos nos lugares aos quais se ligam funções. Mas não é de modo algum necessariamente o Nome-do-Pai que ocupa a posição mestra, aquela que sustenta o mundo, a pedra angular. Isso pode muito bem ser um sintoma! E, quando este é o caso, mesmo que o sujeito queira dele se desembaraçar porque isso o incomoda, o terapeuta deve se preservar de tocá-lo, senão tudo desmoronaria. O desejo é em primeiro lugar o efeito da estrutura da linguagem. O desejo só é concebível entre os seres falantes. Podemos explicá-lo assim: na espécie humana, o filhote não pode satisfazer sozinho suas necessidades mais elementares, ele deve passar por um Outro, com letra maiúscula, capaz de satisfazê-las e, para tanto, deve falar sua linguagem, endereçar-lhe uma demanda. Tudo decorre disso. Esse apelo faz do Outro um objeto de amor. Simultaneamente, a transposição da necessidade em demanda produz uma decalagem: é aqui que se aloja o desejo. Ele corre sob tudo o que você diz, inclusive nos seus sonhos, sem poder ser dito às claras. Por essa razão, ele dá matéria à interpretação.

O objeto do desejo é, então, forçosamente inapreensível?

O desejo não está coordenado a um objeto natural ou social. Seu objeto não se encontra na realidade comum, mas

na fantasia individual. Como tal, não é um objeto do qual se precisa e não se pode obtê-lo pela demanda. É, antes, um objeto que, se assim posso dizer, o deixa de boca aberta. Num tratamento analítico, constatamos que a confissão da fantasia é com frequência o mais difícil. A relação do sujeito do conhecimento com o objeto do conhecimento é tradicionalmente descrita como harmoniosa e complementar. No registro do desejo, a relação do sujeito com o objeto é completamente diferente. Lacan mostra que o aparecimento do objeto do desejo se marca, do lado do sujeito, por um *fading*: o sujeito não consegue se manter, ele evapora, desaparece. É nisso que ele passa ao inconsciente.

Como as sociedades podem se manter de pé se cada um for obcecado por sua fantasia particular ?

Precisamente por ser labiríntico e divagar, o desejo suscita, em contrapartida, a invenção de diversos artifícios desempenhando o papel de bússola. Considerem uma espécie animal: ela tem uma bússola natural, que é única. Na espécie humana, as bússolas são múltiplas, concorrentes, evolutivas. Elas não são instituídas pela natureza, são artifícios, montagens significantes, o que Lacan chama de discursos. Esses discursos dizem o que é preciso fazer: como pensar, como gozar, como se reproduzir. Entre esses discursos, há alguns de grande amplitude e de muito longa duração: as civilizações, as religiões. Eles organizam a cidade, suas produções, as crenças. Numa outra escala, cada família tem seu discurso: um sistema de valores, uma visão do mundo, um estilo de conflitos, etc. Todavia, a fantasia de cada um permanece irreduzível aos ideais veiculados pelos discursos.

Qual norte indicam essas bússolas?

Até recentemente, todas indicavam o mesmo norte: o Pai. As civilizações, as religiões, as sociedades eram patriarcais. O patriarcado, como forma de organização

social, parecia ser uma invariante antropológica. O declínio do discurso patriarcal acelerou-se com a igualdade de condições, a ascensão do poder do capitalismo, a revolução industrial. Balzac o assinala em meados do século XIX, Hannah Arendt na metade do século XX: a autoridade declina, a autoridade não é mais uma via que satisfaz a humanidade. O próprio de Gaulle, figura autoritária, caso houvesse uma, queria inaugurar a era da "participação".

Isso significa dizer que saímos da idade do Pai?

Um outro discurso está em via de suplantar o discurso único de outrora. A inovação no lugar da tradição. A atração do futuro, ali onde o peso do passado acorrentava. Mais do que a hierarquia (vertical), a rede (horizontal), o feminino passando à frente do viril. Não se conserva mais uma ordem em seus limites imutáveis; as pessoas se inscrevem em fluxos transformacionais repelindo incessantemente seus limites.

E o Édipo freudiano em tudo isso?

Freud é, sem dúvida alguma, da idade do Pai. Ele muito fez para salvar o Pai. A Igreja, por fim, acabou se dando conta disso e deixa seus teólogos mais avançados celebrá-lo. Lacan seguiu a via aberta por Freud, mas ela o conduziu a outro lugar. A experiência analítica mostra que o próprio Pai é um sintoma. O desejo do Pai, o desejo pelo Pai se deixa interpretar. Neste livro, Lacan o mostra, valendo-se do exemplo de *Hamlet*, de Shakespeare. O príncipe Hamlet é encostado à parede pelo fantasma do Pai. A fala do Pai o torna literalmente doente, o enlouquece, ela é seu sintoma. O desejo de Hamlet, cativo do Pai, acaba por se emancipar dele, mas ao preço da morte. Este *Seminário* é a um só tempo um grande livro de teoria e um grande livro clínico. Lacan dá também uma clínica inédita do exibicionismo e do voyeurismo. Compreende-se em quê todo desejo tem um núcleo perverso.

O *Seminário* termina, inclusive, com um enaltecimento da perversão!

O que comumente se reteve de Lacan foi sua ênfase no Édipo, o destaque dado à função do "Nome-do-Pai", e a colocação em fórmulas da montagem freudiana. Esse foi o ponto de partida de Lacan. Mas, desde seu *Seminário VI*, o conceito de desejo desloca as coisas. O Édipo não é a solução única do desejo, é apenas e também sua forma "normal", normalizada, sua prisão. O Édipo também é patógeno. O destino do desejo não limita o Édipo. Disso decorre o elogio da perversão que termina o volume. A perversão, no sentido de Lacan, traduz uma rebelião contra a identificação conformista que assegura a manutenção da rotina social. Uma vez que, segundo Freud, a pulsão pode perfeitamente se satisfazer na sublimação, ou seja, nas atividades ditas culturais, ela não se confunde com a "substância da relação sexual". Esvaziada do gozo sexual, a pulsão subsiste como forma cultural, na qual flui o gozo da letra propiciado pela arte e pela literatura.

**Lacan anunciava "o remanejamento dos conformismos anteriormente instaurados e até mesmo sua explosão".
Chegamos aí?**

Este *Seminário* fala de 2013. Os partidários do Pai desfilam nas ruas em nome da tradição, ao passo que os do "Vovozão" (*Pépère*)² pretendem criar normas que substituam essa tradição. O psicanalista não tem vocação de se fazer o guardião da ordem antiga, o cavaleiro de uma causa perdida. Ele também não pode crer nos amanhãs que cantam: a via do desejo não é uma partida de prazer. Portanto, ele interpreta. Se ele deve escolher, a escolha é forçada. Pois todo voltar para trás é impossível.

Trechos de *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*³

"O desejo contra a normalização social"

"O que eu designo com a palavra cultura - palavra de que gosto muito pouco, e mesmo de modo algum -, é uma determinada história do sujeito em sua relação com o logos. Indubitavelmente, na época em que vivemos, é difícil não ver a que distância de uma certa inércia social a relação com o logos se situa. É por essa razão que o freudismo existe em nossa época.

O que passa da cultura para a sociedade inclui sempre alguma função de desagregação. O que se apresenta na sociedade como a cultura - e que entrou, portanto, em certo número de condições estáveis, elas também latentes, que determinam os circuitos das trocas no interior do rebanho - instaura nela um movimento que deixa aberta ali a mesma hiância em cujo interior situamos a função do desejo. Nesse sentido, aquilo que se produz como perversão reflete, no nível do sujeito lógico, o protesto contra o que o sujeito sofre no nível da identificação, uma vez que esta é a relação que instaura e ordena as normas da estabilização social das diferentes funções.

Alguma coisa se instaura como um circuito girando entre, de um lado, o conformismo, ou as formas socialmente conformes da atividade dita cultural [...] e, do outro, toda estrutura semelhante àquela da perversão, visto que ela representa no nível do sujeito lógico, e por uma série de degradês o protesto que, aos olhos da conformização, se eleva na dimensão do desejo, uma vez que o desejo é relação do sujeito com seu ser.

Aqui se inscreve a sublimação, que é a forma mesma na qual flui o desejo. O que Freud nos indica, é que essa forma pode se esvaziar da pulsão sexual - ou, mais exatamente, que a própria pulsão, longe de se confundir com a substância da relação sexual, é esta forma mesma. Em

outras palavras, fundamentalmente, a pulsão pode se reduzir ao puro jogo do significante. É assim que podemos também definir a sublimação.

A sublimação é aquilo pelo qual podem se equivaler o desejo e a letra. Aqui - em um ponto tão paradoxal como o é a perversão, entendida sob sua forma mais geral como aquilo que, no ser humano, resiste à toda normalização -, podemos ver se produzir essa aparente elaboração no vazio que chamamos de sublimação e que, em sua natureza tanto quanto em seus produtos, é distinta da valorização social que se lhe dará ulteriormente.

A sublimação como tal se situa no nível do sujeito lógico, ali onde se instaura e se desenvolve tudo o que é, para falar com propriedade, trabalho criador na ordem do logos. Daí, as atividades culturais vêm mais ou menos se inserir na sociedade, vêm mais ou menos encontrar seu lugar no nível social, com todas as incidências e todos os riscos que elas comportam, até e inclusive o remanejamento dos conformismos anteriormente instaurados, e mesmo sua implosão”.

(Adaptado do capítulo XXVII).

“A histérica e o obsessivo”

“Qual função a histérica se dá a si mesma?” É ela que é o obstáculo, é ela que não quer. Seu gozo é impedir o desejo. Esta é uma das funções fundamentais do sujeito histórico nas situações tramadas por ela - impedir o desejo de vir a termo para permanecer ela própria o que nele está em jogo. O lugar tomado pela histérica nessas situações é aquele que poderíamos chamar, usando um termo inglês, *puppet*, que é alguma coisa como um manequim, mas com o sentido mais ampliado de falso-semblante. A histérica introduz, com efeito, uma sombra que é seu duplo, sob a forma de uma outra mulher, por intermédio da qual seu

desejo deve precisamente se inserir, mas de maneira oculta, uma vez que é preciso que ela não o veja [...].

Embora a histérica se apresente eventualmente como a mola da máquina à qual estão suspensos, um em relação ao outro, esses tipos de marionetes, ela, no entanto, está no jogo sob a forma daquela que é, no fim das contas, seu móbil.

O obsessivo, em contrapartida, tem uma posição diferente. Ele permanece fora do jogo. O obsessivo é alguém que nunca está verdadeiramente ali onde alguma coisa está em jogo e que poderia ser chamada de seu desejo. Ali onde ele aparentemente arrisca o lance, não é ali que ele está. Do desaparecimento do sujeito ao ponto de aproximação do desejo ele faz, digamos, sua arma e seu esconderijo. Ele aprendeu a se servir disso para estar em outro lugar.

Ele só pode fazer isso desdobrando no tempo, temporalizando essa relação, remetendo sempre ao amanhã seu engajamento na verdadeira relação com o desejo. Enquanto a relação com o desejo tem, na histérica, uma estrutura instantânea, é sempre para o amanhã que o obsessivo reserva o engajamento de seu verdadeiro desejo. Isso não significa dizer que, enquanto espera esse termo ele não se engaje em nada, muito longe disso - ele prova seu mérito. Bem mais que isso, ele pode chegar até a considerar o que ele faz como um meio de adquirir méritos para si. Méritos em que? Em reverenciar o Outro em lugar de seus desejos.

Uma vez em análise, ele poderá ter a mínima visão refletida sobre sua situação, ele ficará por fim completamente surpreendido ao perceber que o sujeito que se sustenta nessa situação está exposto a todos os tipos de atitudes contorcidas e paradoxais, que o designam para si mesmo como um neurótico atormentado pelos sintomas".

(Adaptado do capítulo XXIV).

Tradução: Vera Avellar Ribeiro

¹ Entrevista ao *Le Point*, publicada em 06/06/2013. Agradecemos a amabilidade dos editores deste jornal que nos autorizaram a publicação em português desta entrevista.

² Apelido dado a François Hollande por seus colaboradores.

³ LACAN, J. ([1958-1959]). *Le séminaire, livre VI: le désir et son interprétation*. Paris: Editions de La Martinière, p. 616. N.T.: nossos agradecimentos a Marcus André Vieira, pela revisão cuidadosa da tradução dos trechos aqui citados de *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*.